

Caixa de ferramentas afetivas

Affective Toolbox

DANIEL MEIRINHO

Fotógrafo, pesquisador, artista visual e curador independente. É professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia - (PPgEM). Bolsista Produtividade PQ2 CNPq. É líder do Grupo de Pesquisa VISU - Laboratório de Práticas e Poéticas Visuais - CNPq. Doutor em Comunicação e Artes pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Atua como pesquisador na área da fotografia negra contemporânea brasileira e coordena o projeto Olhos Negros, que realiza um mapeamento de fotógrafos negros em todo o território nacional. Desenvolve pesquisas na área das políticas da imagem com enfoque em abordagens artísticas e contemporâneas, sobretudo, ligadas aos estudos sobre raça, representação, arte afro-brasileira contemporânea, fotografia e performance.

RESUMO

Ensaio visual produzido a partir de uma série de fotografias através de um inventário catalográfico amoroso da caixa de ferramentas do meu pai e das relações afetivas que estabeleci com ele através destas peças.

Palavras-chaves: fotografia; afeto; paternidade

ABSTRACT

Visual essay produced from a series of photographs through a loving catalog inventory of my father's toolbox and the emotional relationships I established with him through these pieces.

Keywords: *photography; affection; paternity*

“Quando terminar coloque depois tudo de volta na caixa”. Essa sempre foi a condição definida pelo meu pai para usar suas ferramentas, que guardava devidamente organizadas em sua caixa. Ele nunca foi um construtor ou mestre de obras, mas dedicou muitos anos, energia e zelo à esta coleção de ferramentas. Em suas mãos serviam para pequenos reparos domésticos. No entanto, simbolicamente esses objetos sempre exerceram uma grande influência na mediação das relações de afetividade, masculinidade e parentalidade comigo. Para ele são como uma caixa de brinquedos, minuciosamente organizada e abarrotada. Para mim se constituem de objetos vivos e afetivos de como sempre me conectava emocionalmente com ele. Cada ferramenta tem sua história que cabe na mão. Era também uma forma dele demonstrar para uma nova geração que algumas tecnologias não podem ser superadas e que os saberes manuais possuem uma energia conectiva e criativa.

O seu Robério é um organizador. Um catalogador de coisas, um exímio produtor de processos, designador de ordens, arquivador de materiais, documentos e listas que o continuem. Um homem de zelos, rotinas e apegos. Que nunca teve muita paciência em repassar conhecimentos, mas exigia com rigor que todos ao seu redor compreendessem a ordem sequencial dos seus métodos. Sua paternidade foi exercida com o empenho de prover condições de vida, segurança, educação e condutas éticas para mim, mas muito emocionalmente distante, assim como muitos pais da minha geração e suas formas implacáveis e inflexíveis de afeto. Nossas aproximações afetivas passavam por momentos em que concertávamos juntos algo, sempre mediado pelo uso destas ferramentas.

Desde quando era seu ajudante de pintura, e de reparo domésticos de carpintaria e eletrônicos, até os constantes concertos do ventilador que trabalhava ininterruptamente no calor recifense, ele me explicava a diluição da tinta, os tipos de pincéis e rolos, o tempo de secagem da tinta e a utilidade de cada ferramenta daquela caixa. As aulas continuavam na loja de ferramentas e ferragens do meu padrinho que ficava rua da Praia, no centro do Recife. As memórias de infância passam por percorrer e buscar para ele brocas, parafusos e dobradiças, como num jogo educativo de habilidades manuais que eu necessitava aprender.

Sei bem que o conceito de criar homens que concertam são estereótipos patriarcais que atribuo a estas ferramentas em todos seus significados simbólicos e imaginários. Afetos mediados com um forte demarcador de gênero. Essa é a “a caixa de ferramentas do meu pai” que tornava evidente um domínio masculino de aquisição, manutenção e uso daquelas ferramentas. Um legado que eu entendia como um espólio que necessitava encapsular pela necessidade heteronormativa de uma habilidade manual que consistia de um ser hábil, de forma instintiva. Uma inteligência de uso das mãos estendida pelo artefato ferramenta, que segregava a minha irmã destes conhecimentos repassados e dos vínculos afetivos mediados por estes objetos.

O ensaio visual *Caixa de ferramentas afetivas* (2021) é um inventário fotográfico e catalográfico amoroso da caixa de ferramentas do meu pai e das relações afetivas que estabeleci com ele através destas peças. As imagens estão dispostas em um conjunto organizado e isolado, assim como ele faz com sua caixa de ferramentas. O ordenamento rígido das imagens e a precisão técnica da produção das imagens expõem uma sequência milimétrica e articulada de como esses objetos mediadores representam e expandem uma experiência metódica e sistemática de afetos com meu pai. Me instiga pensar sobre a relação entre as imagens e as coisas, em um exercício de construção/desconstrução das representações das memórias entre um pai e um filho.

Os registros fotográficos das ferramentas se constroem a partir das metáforas de como esses saberes e habilidades passadas, ainda guardadas em uma caixa lacrada, partem de um procedimento artístico meu, metódico e programado – inventariante – de recolhimento, catalogação e apresentação de cada peça. São registros isolados de uma coleção disposta de forma taxonômica, que cria uma variação alternativa de ordenação, às vezes por cor, tipologia, função ou mesmo materialidade, e só ganha sentido quando se desvenda a estreita correspondência entre a ferramenta, o afeto e a paternidade.













